

## A Crítica Genética e a Crítica Textual: Dois Métodos para a Análise de Textos\*

Bárbara Cristina de Carvalho Martingil da SILVA e  
Rosalice Maria Marinho de CARVALHO\*\*

BERGEZ, Daniel et al. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997. cap. 1, p.1-45; cap.5, p. 183-226.

O livro *Métodos críticos para a análise literária*, organizado por Daniel Bergez, aborda, em capítulos, cada método crítico por diferentes autores: Pierre-Marc de Biasi, Marcelle Marini, Daniel Bergez, Pierre Barbéris e Gisèle Valency. Cada um dos pesquisadores-autores, de acordo com a sua linha de estudo, expõe os diferentes processos críticos para o desenvolvimento do trabalho da análise literária. O foco desta resenha se prende aos capítulos “A crítica genética”, desenvolvido por Pierre-Marc de Biasi e “A crítica textual”, por Gisèle Valency.

A presença do método na tarefa da análise textual é imprescindível, uma vez que é, justamente, a escolha e a aplicação do método que indicam a vertente teórica defendida pelo autor e estabelecem o caráter científico do trabalho. É neste sentido que se pretende refletir sobre a Crítica Genética e a Crítica Textual.

A proposta dos dois pesquisadores em questão visa estabelecer os dois métodos críticos fundamentados na constituição histórica de cada um, nas teses produzidas por outros estudiosos da língua – que, na verdade, serviram como apoio a cada método – e nas ciências e técnicas desenvolvidas para auxiliar o trabalho do crítico. Porém, enquanto Biasi define didaticamente cada etapa do processo da crítica genética, baseando-se em exemplos claros e objetivos ao entendimento de sua dissertação, Valency amplia o processo de constituição da crítica textual, relacionando este tipo de análise com a análise do discurso. Com isso, leva o leitor aprendiz a refletir sobre a estrutura do método mesmo quando se chega ao final da leitura.

---

\* Trabalho desenvolvido na disciplina Edição Crítica de Textos Modernos, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.

\*\* Alunas especiais do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.

Segue-se a apreciação de cada modalidade separadamente, ressaltando que a ênfase atribuída à perspectiva da obra aplica-se à análise literária. Cabe, portanto, a correlação ao estudo poético e à valorização da narrativa observada no decorrer das duas exposições.

O capítulo “A crítica genética”, o primeiro do livro, é apresentado ao leitor a partir da seguinte divisão: “História de uma problemática”; “O campo dos estudos genéticos: as quatro fases da gênese”; “Genética textual: a análise dos manuscritos” e, “A crítica genética: como estudar a gênese da obra?”, que possibilita a construção paulatina do cenário do surgimento, da definição do objeto de estudo e da contribuição da genética textual e da crítica genética.

Pierre-Marc de Biasi desenvolve o tema afirmando que o pesquisador da gênese da obra deve procurar as “pistas” materiais (suportes no texto que conduzem à análise) deixadas pela própria obra para que o crítico possa iniciar a sua pesquisa. Ele esclarece que cabe à genética textual “decifrar” os manuscritos, enquanto que a crítica genética irá interpretar os resultados das “decifrações”.

Os manuscritos utilizados atualmente pela crítica genética e pela genética textual distinguem-se dos manuscritos medievais utilizados pela filologia clássica. Os primeiros são considerados documentos de gênese, enquanto os medievais – anteriores à invenção da imprensa – eram os únicos suportes para o registro de textos, alterando-se com o processo de transmissão e perdendo-se, parcial ou totalmente, com o passar do tempo.

Biasi ressalta que os antigos estudos de gênese, do final do século XIX até o ano de 1940, caminhavam em uma direção diferenciada dos atuais estudos (preocupados com o discurso crítico). Alguns estudiosos, como Gustave Rudler, por exemplo, que em sua obra *Techniques de la critique et de l'histoire littéraires*, publicada em 1923, forneceu uma tentativa metodológica mais rigorosa, relacionada à edição crítica e à crítica de gênese, foi um dos poucos a se aproximar da abordagem atual da crítica genética.

Em 1950 destacaram-se estudiosos como R. Ricatte, R. Journet e G. Robert, que buscavam uma hipótese completamente nova para a gênese literária, embora ainda não atingissem um método concreto. No início dos anos 60, a corrente estruturalista orientou os estudos da crítica para uma problemática oposta à hipótese genética, que foi a do texto em si mesmo. Por outro lado, esse período contribuiu para as futuras pesquisas de gênese literária, já que os enfoques da lingüística formal, da antropologia estrutural, do trabalho dos formalistas russos e dos estudos freudianos resultaram em um grande processo de concentração na França. O apoio a tais fundamentos teóricos permitiu que, a partir da década de 70, a crítica genética fosse percebida, no dizer de Biasi, como “o prolongamento inesperado das pesquisas estruturais” (p. 9). Esse novo período, que se estende até hoje,

definiu o espaço de atuação da crítica genética: o texto em estado nascente e o objeto de estudo concreto e específico, que é o manuscrito.

O método atual realiza-se considerando quatro fases: a **pré-redacional**, a **redacional**, a **pré-editorial** e a **editorial**.

A **fase pré-redacional** pode ser entendida como as diversas tentativas sucessivas de construção de um projeto sob a forma de redação. A fase pré-inicial exploratória compõe essa etapa e destaca-se pelas tentativas de constituição de um texto espaçadas no tempo muito anteriores ao próprio. É a partida para a construção de uma obra, interrompida a sua revelia por acontecimentos exteriores ou até outros referentes ao projeto. A fase de decisão, que também compõe a etapa **pré-redacional**, pode ser entendida como o momento em que o projeto tornou-se viável, por meio de uma preparação e de programação.

A fase seguinte, a **redacional**, diz respeito à execução do projeto. É o reagrupamento de diversas categorias de manuscritos, como o dossiê documentário redacional (documentação com informações necessárias à obra que será apresentada) e o dossiê de redação (“manuscritos com versões” diferentes para a mesma passagem). Alguns momentos são essenciais para o autor nessa fase, como o momento dos roteiros desenvolvidos, em que se observa a ausência de alguns detalhes fundamentais à obra, o momento dos esboços e dos rascunhos, em que há a exigência de textualização e o momento de passar a limpo com as correções.

A **fase pré-editorial** é a próxima, em que ocorre o distanciamento do manuscrito para o ingresso na especificação da interpretação do autor. O momento do manuscrito definitivo revela o último estado autógrafo do pré-texto – é a imagem do modelo que reproduzirá a forma impressa. Era neste momento que ocorria o “erro de leitura” pelos copistas, principalmente escribas, da Idade Média e que hoje ocorre quando o texto manuscrito é passado para a forma impressa. Alguns escritores atravessam o estágio de correção das provas depois de impressas; há outros, contudo, que não o fazem. A última prova já estabelece a saída do estado genético do pré-texto para entrar na história do texto.

A fase final é a **editorial**, que é o texto pronto da obra, mas não significa que o escritor não poderá corrigir e transformar o texto após a sua edição. Biasi conclui a organização das fases afirmando que a “imagem definitiva da obra marca o último limite do campo de investigação do estudo genético” (p. 20).

O método explicitado permitirá que a crítica genética realize o seu trabalho interpretativo do processo constitutivo de uma obra, analisando e atribuindo significados a

cada escolha realizada pelo autor. A classificação cronológica de decifração dos manuscritos, como já mencionado, é atribuição da genética textual.

Por sua importância ao trabalho crítico, convém esquematizar, as quatro grandes operações de pesquisa. São elas: o **estabelecimento da documentação** (coleta de peças autógrafas e não-autógrafas utilizadas ou produzidas pelo autor para criar seu texto); a **especificação das peças** por espécie (notas documentárias, rascunhos, manuscritos definitivos) e **por fase** (pré-redacional, redacional etc); a **classificação genética** (encadeamento dos fólhos de manuscritos para estabelecer uma imagem à obra inteira, considerando os eixos paradigmático e sintagmático) e a **decifração e transcrição da obra**.

Caso não se possa decifrar e classificar os manuscritos pelo uso das quatro operações é necessário dispor de determinadas técnicas de perícia científica. A Codicologia é uma delas, que permite conhecer e identificar suportes materiais da escrita (tintas, lápis, papéis) e contribui, por exemplo, para descobrir a datação de uma obra. A análise ótica, ou seja, a técnica a laser, detecta se o texto foi escrito pela mesma pessoa, se foi escrito de forma contínua. E também a análise informática, que atua na realização de “edições automáticas” de manuscritos e de “dicionários de substituição”.

Biasi destaca o papel do rascunho, denominado por “cerne de gênese”, como a “energia do desejo e da escrita”, porque ele mostra ao crítico um universo móvel, onde a escrita pode passar por inúmeras modificações a cada momento. A tentativa de construir uma ligação entre a dinamicidade dos manuscritos e a significação da obra encontra pressupostos na Psicanálise, que prioriza a temporalidade biográfica da vida do próprio escritor, mais que a temporalidade dos rascunhos e da gênese, já que o Inconsciente é “não-temporal”. Defende a idéia de rascunho como uma extensão do texto. Já a Poética aponta que a genética textual é importante para fornecer aos “narratólogos” meios concretos de reflexão que se relacionam com seu método e com seu objeto. Ainda define os efeitos **exogênese** (estudo das fontes, livrescos) e **endogênese** (interferência e estruturação dos constituintes da escrita) no objeto da crítica genética. Assim, estabelece a escrita como constitutiva de si mesma, sem fim determinável e o texto como produto histórico da escrita, com início e fim.

A relação da genética com a lingüística fornece meios para classificar os rascunhos ou para interpretar as microtransformações da escrita. Sua relação com a sociocrítica oferece ao manuscrito sintomas de ideais coletivos, levando-se em conta que o discurso individual é constituído de pré-concepções coletivas.

Biasi conclui o texto lembrando ao leitor a juventude da crítica genética, e que por causa disso deve sofrer exigências de conceituação, além de enfrentar dificuldades para

dominar seu objeto de estudo, porque se coloca à margem de outros discursos críticos ao considerar-se capaz de esclarecer os processos dinâmicos que associam e fazem a convergência na escrita das diferentes determinações, cujos métodos não genéticos isolam e analisam os resultados textuais em forma de sistema de significações separados.

O texto de Biasi, como já dito, permite que se reconheça na crítica genética um método de análise literária, porque o leitor acompanha desde o estabelecimento desta abordagem de estudo genético do texto até o confronto com os atuais discursos com os quais esta disciplina intercambia-se. Analisa as resistências encontradas diante de outros discursos de análise textual e sugere um método de estudo da gênese da obra. A partir desta leitura, o pesquisador já pode posicionar-se frente à escolha da crítica genética como área de estudo, justamente porque o autor traça os aspectos gerais do tema sem desprezar as particularidades do método de análise em questão.

“A crítica textual”, último capítulo do livro, o quinto, assinado por Gisèle Valency, apresenta-se como uma abordagem do tema da análise literária, sob a perspectiva de uma crítica que considera a obra literária um sistema de signos. Valency focaliza as teses de lingüistas como Ferdinand Saussure, defensor da teoria de que o texto é uma estrutura e um sistema autônomo, ou seja, não há ligação entre o significante e o significado; Roman Jakobson, com estudos sobre a fonologia e as funções da linguagem e também Émile Benveniste, defensor da inserção na linguagem da noção de sujeito. Os três lingüistas trabalhavam sob uma ótica estrutural que decorre da concepção de língua como sistema, até alcançar as idéias defendidas pelos formalistas russos e a definição de crítica textual.

Das pesquisas dos formalistas resultaram três orientações para o estudo do texto, a saber: “Os estudos da narrativa, tirados da etnologia literária e da semiótica; a tentativa de especificar os problemas da escrita e da poética pelo signo lingüístico e os estudos narratológicos, ligados à poética comparada, a retórica.” (p.190). Valency considera tais direcionamentos para dividir o texto em: “A análise estrutural da narrativa”; “Teoria do texto poético: a vertente poética do estruturalismo”; “O texto plural”; e, “Teorias do texto oriundas da problemática da enunciação”.

A autora faz referência à importante contribuição de V. Propp e a *Morfologia do Conto* para tratar da “análise estrutural das narrativas”, destaca que Propp submete a expressão folclórica de tradição oral às leis que fixam a ordem das narrativas, o que serviu de base às pesquisas de Greimas sobre a narração, ao estabelecer uma relação entre a narrativa e a semiótica.

A definição da poética por Jakobson é o mote para as reflexões sobre “a teoria do texto poético”, quando são considerados o modelo fonemático, a relação entre o significante e o fonema, os anagramas de Saussure e o signo em poesia.

A questão da sobredeterminação é abordada detalhadamente, pois a autora explica os diversos casos: por associação e metonímia; do significado pelo significante; pela intertextualidade; do figurado pelo literal e encerra a seção com um tópico “Debates contra o fechamento do texto”, no qual afirma que a sobredeterminação pressupõe “o fechamento dos sistema, sem o qual é impossível a exploração dos códigos” (p. 201). Porém, tal aceção é combatida em muitos trabalhos, daí o título bem aplicado ao último item desta parte do texto.

A próxima seção, denominada “O texto plural”, aborda o deslocamento da retórica de uma teoria da comunicação para uma atual teoria de literatura, uma poética. Destaca-se a contribuição de Barthes, para quem “entre a retórica, inventário de formas disponíveis, e o estilo, em que o indivíduo emprega sua subjetividade, há a escrita, que é ato de liberdade” (p.204). Ainda neste direcionamento, a autora ressalta o papel estratégico da conotação no desenvolvimento dos estudos textuais, porque se articula com os conceitos de intertextualidade e de produtividade.

Valency estabelece recortes teóricos acerca da conotação e contexto social e conotação e disseminação. Para tanto, referencia T. Todorov, Kristeva e Bakhtin na primeira relação e Barthes na segunda.

Na última seção, são consideradas as teorias do texto oriundas das problemáticas da enunciação. Aqui, analisam-se os pactos narrativos e a literatura, o que pressupõe uma comunicação entre o autor e leitor, que só a obra garante. Devido, então, à extensão das teorias relativas à enunciação do texto, a autora opta por salientar aquelas em que “o texto é o lugar, o objeto também, de um desvio” (p. 211), ressaltando a inspiração em Benveniste, G. Genette e O. Ducrot para considerar os próximos itens do texto: “Discurso, narrativa: a dêixis”; “A ordem do texto”; e “As vozes narrativas”.

A autora não conclui o texto, propõe um “balanço”, no qual considera a estrutura como a projeção do sujeito. Em tempo, reforça que literalidade se desfaz nas “reverberações do sentido” (Barthes) e na “disseminação” (Derrida) o que leva à consideração, hoje, em detrimento da relação existente entre escritor e obra, da necessidade de criar-se um espaço em que a escrita e a leitura pudessem ser compreendidas como fenômenos recíprocos.

A crítica textual como método de análise literária apresentada por Gisèle Valency reafirma uma volta ao texto na moderna metodologia crítica. É um texto rico, sobretudo quanto à fundamentação teórica, mas não é um texto de fácil compreensão àqueles não

familiarizados com as leituras próximas da análise do discurso, bem como pelo uso de uma linguagem “técnica”, a qual já remete à própria especificidade do texto.

O título é bastante abrangente e permite os seguintes questionamentos: Afinal, de que trata o texto? Ou a quem se destina? Ou ainda, a que vertente da crítica textual se refere? Esse paradoxo causa ao leitor uma sensação de descontinuidade que acompanha todo o texto, uma vez que ao tratar de um tópico, tem-se a impressão de haver uma interrupção da lógica do texto, muitas vezes para explicar um conceito ou situar o referencial teórico com a contribuição de outros autores. O que parece ideal, no entanto, dá essa ilusão de descontinuidade, que dificulta a compreensão de leitores menos experientes.

Apesar de abordagens aparentemente estanques, os textos de Biasi e Valency ampliam, sobremaneira, as reflexões sobre a vasta acepção da crítica, focalizando os aspectos referentes à gênese do texto e à narrativa, respectivamente. Os textos tocam-se ao trazerem, cada um dentro do próprio contexto, a influência do estruturalismo, e da poética na análise de textos; distanciam-se, quando abordam o método, dirigindo-se para os limites de áreas específicas da análise literária.

Essa imersão nos capítulos: “A crítica textual” e “A crítica genética”, como partes de uma obra maior, *Métodos críticos para a análise literária*, motiva a leitura dos outros capítulos, porque provoca a curiosidade acerca da indicação destes textos para este trabalho, assim como, num âmbito maior, a escolha destes textos e destes autores pelo próprio organizador da obra, dentro do acervo teórico relativo à atual análise literária.